

**PIRANDELLO, LUÍS. DIÁLOGOS ENTRE O EU MAIÚSCULO E O EU  
MINÚSCULO – INTRODUÇÃO E TRADUÇÃO**

Valdemar Munhoz Rodrigues\*

**Resumo**

Neste artigo, apresentamos, analisamos e traduzimos a obra *Diálogos entre o eu maiúsculo e o eu minúsculo*, de Luigi Pirandello.

**Palavras-chave**

Eu; Pirandello; Tensão Existencial; Tradução.

**Abstract**

In this article, we present, analyze and translate the short-story "Dialoghi tra il Gran Me e il piccolo me" ("Dialogues between the Big Me and the little me"), by Luigi Pirandello.

**Keywords**

Existential Tension; Pirandello; Self; Translation.

---

\*Professor Adjunto aposentado do Departamento de Letras Modernas da UNESP/São José do Rio Preto. E-mail: valdemunhoz@hotmail.com

## Introdução

Em Luigi Pirandello, a dicotomia tensiva existencial pelo desdobramento do *eu* pode ser observada não só na obra do poeta lírico, como, também, na do ensaísta, na sua obra narrativa e na dramática. Na obra do ensaísta, especial destaque deve ser dado a um artigo, publicado no número 9, de 09/10/1893, da revista romana *Folchetto*, com o título "Cronache letterarie" e o subtítulo "L'Altalena delle antipatie" (A gangorra das antipatias), que é o título de uma obra de Alberto Cantoni, mestre e modelo de Pirandello<sup>1</sup>. Nele, Pirandello informa que, dois anos antes, havia lido, do mesmo autor, o original *Un re umorista*, do qual já havia sido, também, publicado um livro intitulado *Il demonio dello stile*, constituído de três novelas, de que *L'Altalena delle antipatie* é a segunda. Do protagonista dessa novela, Pirandello afirma que era "afligido por uma prepotente tendência para a observação assídua e sutil de si próprio, e por um humor variadíssimo (chegando ao ponto de concluir que ele era muito diferente de si mesmo conforme os dias, e que, conforme os dias, diferiam muito de si mesmo os outros) convencido, no final, da instabilidade dos seus julgamentos..." (ANDERSSON, 1966, p. 74). Do mesmo protagonista, no prefácio publicado em *Nuova Antologia*, de 16/03/1905, que Pirandello escreveu para o romance *L'Illustrissimo*, também de Alberto Cantoni, e que foi incluído no volume *Saggi, Poesie e Scritti varii* com o título "Un critico fantástico", ele acrescenta que o herói, de quem é notória a instabilidade emocional, considera-se um "elevador" humano: pretendendo resolver o problema da sua inconstância, decide casar-se (PIRANDELLO, 1977, p. 376).

Do ensaio "Un critico fantástico", importantíssimo para a formulação da teoria pirandelliana do humorismo, interessa-nos, por enquanto, ressaltar o trecho em que o ensaísta, dando vazão à sua experiência pessoal e a uma congênita concepção do homem, delineia a essência do "fuori di chiave" que oscila, continuamente, entre os extremos que se opõem.

Peço-lhes que acreditem que não pode ser alegre a condição de um homem que se veja sendo sempre quase fora de série, sendo ao mesmo tempo violino e contrabaixo; de um homem em quem um pensamento não pode nascer sem que logo em seguida não nasça nele um outro oposto, contrário; em quem para uma razão que tenha para dizer sim, imediatamente após não surjam uma, duas ou três outras que o obriguem a dizer não; e entre o sim e o não o mantém suspenso, perplexo, por toda a vida; de um homem que não pode abandonar-se a um sentimento, sem dar-se conta de que algo, no seu íntimo, lhe faz uma careta, perturbando-o, desconcertando-o, aborrecendo-o. Experimentem chorar por uma dor verdadeira, diante de um espelho, olhando-se; se conseguirem ficar parados por um momento contemplando-se, verão a sua expressão dolorosa enrijecer-se numa careta que os fará rir; e, então, ficarão numa condição muito penosa que não lhes permitirá mais nem continuar chorando de coração, nem rir de verdade. (PIRANDELLO, 1977, p. 374 - 375).

Obviamente, esse homem "fora de série" não é um ingênuo, pois não teria consciência do seu desdobramento; nem um inexperiente ou pobre de espírito, porque não reconheceria o lado negativo das coisas. Deve ser um habitual crítico de si mesmo, capaz de estabelecer um diálogo consigo próprio, como a pessoa com a sua imagem refletida no espelho.

Pirandello, ainda jovem, demonstra ter consciência de que é um "fuori di chiave", especialmente, em dois escritos, muito diferentes pela estrutura, mas bastante afins pelo sentido: uma carta dirigida à noiva e uma novela, intitulada *Dialoghi tra il Gran*

---

<sup>1</sup> Infelizmente, esse primeiro artigo de Pirandello sobre Cantoni não foi republicado.

*Me e il piccolo me* (cuja tradução saerá apresentada a seguir), subdividida em quatro partes, de modo que cada uma das seguintes continua e completa as precedentes.

A carta, escrita à noiva em 05/01/1894, é um importante documento da coexistência de dois "eus" convivendo no mesmo corpo: o de todos os dias ("piccolo me") convive com a noiva e, quotidianamente, com as outras pessoas; o outro ("Gran Me"), freqüentemente, está triste, sem uma clara razão, e que o próprio Pirandello confessa não conhecer bem. Da compreensão desta duplicidade, ele declara à noiva, dependeria a felicidade deles.

Em mim há quase duas pessoas... Costumo dizer que eu consto de um Eu maiúsculo e de um eu minúsculo; freqüentemente um é sumamente antipático ao outro. O primeiro é taciturno e absorto continuamente em pensamentos; o segundo fala com facilidade, brinca e não é contrário a rir e fazer rir... Eu estou perpetuamente dividido entre estas duas pessoas. Ora impera uma, ora a outra. Eu tendo naturalmente muito mais para a primeira, quero dizer para o meu Eu maiúsculo, adapto-me e suporto a Segunda, que, no fundo, é como todos os outros, com as suas qualidades e os comuns defeitos. (ANDERSSON, 1966, p. 89 - 90).

Essa consciência dramatiza-se e adquire forma literária na novela *Dialoghi tra il Gran Me e il piccolo me*, constituída de quatro partes ou narrações substancialmente interrelacionadas, mas distintas, cronologicamente, mediante um diferente subtítulo: *Nostra moglie*, *L'accordo*, *La vigilia* e *In società*. São duas opostas visões, baseadas em duas diversas escalas de valores, que, dialeticamente, confrontam-se, como o corpo e a sua imagem, invertida, refletida no espelho. A estrutura da novela concretiza, literariamente, o que Pirandello, teoricamente, afirmava da consciência como relação, aqui, entre dois *eus*, em que um procura convencer o outro das próprias convicções e opostas necessidades.

Antes do primeiro diálogo propriamente dito, entre parênteses, o narrador determina, circunstancialmente, a situação: Roma, na sua residência às margens do Tibre, após o retorno de uma festa, para a qual fora convidado o *Gran Me*. Os dois *eus* se opõem no tocante ao gosto e às ações mais banais da vida corriqueira: ao entrarem na sala, o *piccolo me* deseja acender a luz, com o que não concorda o *Gran Me*. Não se trata, evidentemente, de um mero capricho: para o *piccolo me*, o desejado é o discernimento exato das coisas com as quais convive diariamente, enquanto, para o *Gran Me*, amante do extraordinário, do mistério, a luz impõe a presença e o domínio das coisas, impedindo a fantasia e a imaginação de se moverem livremente. Assim, enquanto as trevas, no homem comum, estimulam o sono, no escritor, estimulam o desprendimento próprio de uma vida superior. Todavia, como o *piccolo me*, no escuro, começa a bocejar e a entregar-se à necessidade fisiológica do sono, para impedir que ambos durmam, o *Gran Me* concorda em acender a luz, que é, no caso, o mal menor. Com a claridade, vem o predomínio da realidade, representada por um objeto novo no ambiente, que é uma carta "dela". Ambos sabem que é da noiva, o que enseja novo conflito entre eles: o eu prático, realista, deseja ler a carta imediatamente, ao passo que o eu intelectual, sonhador, deseja continuar degustando aquele passeio, a que tinham ido por sua iniciativa, representativo da renovação natural operada pela primavera, evitando, assim, o desprazer da lembrança daquele compromisso social, representado por aquele objeto que prenunciava uma formalidade social ainda mais vinculadora.

Considerando que aquele passeio, assim como o comportamento do *Gran Me*, significavam, de certo modo, a transgressão da formalidade social do noivado, o *piccolo me* admoesta o seu adversário pelo seu procedimento excessivamente liberal. O detentor do hábito reflexivo e observador atento argumenta, justificando a sua iniciativa como uma maneira de proporcionar divertimento ao homem comum, que vivia se lamentando dos sacrifícios habituais que lhe eram impostos pelo intelectual.

O comedimento, a observância dos limites convencionalmente estabelecidos, eles distinguem o homem comunitário, social; o homem intelectual, o artista, é, todo, o contrário.

A uma realidade social, convencional, seguramente, não pode faltar o principal da identificação, à qual o homem comum está, sempre, sujeito: o *piccolo me*, no-lo diz o *Gran Me*, chama-se Jeremias, que, na falta de maiores especificações, pode também ser entendido como passado persistentemente mantido para controlar a vitalidade criadora da imaginação, da fantasia do *Gran Me*, que, para poder continuar vivendo, acabou concordando, porém, sem aceitá-lo, porque não quer nem minimamente comprometer-se com o casamento do seu *não-eu*.

Jeremias responsabiliza o pessimismo do intelectual pelos malogros na sua vida sentimental, como é o caso do namoro com a prima Elisa.

O casamento é a imagem da estrutura profunda da novela: é, ao mesmo tempo, uma restrição à liberdade total, à plena solidão do escritor e, como para o protagonista de *L'Altalena delle simpatie*, de Alberto Cantoni, uma necessidade do outro *eu* para assegurar-se o direito a uma vida comum. O escritor, graças à sua obra, terá vida mais longa que o homem comum, o qual, em contrapartida, quer ter, no tempo de vida que lhe resta, o conforto de uma existência doméstica regular, com as pequenas satisfações e preocupações que dela podem advir.

Diante do indisfarçável conflito de interesses, inerentes às duas opostas concepções, e da inevitável coexistência dos dois no mesmo corpo, tornou-se vital o estabelecimento de um acordo, para garantir os direitos de cada um. Por isso, *O acordo* é o título do segundo diálogo, publicado em 13/06/1897.

Como o anterior, este diálogo também é introduzido por uma caracterização do ambiente em que se encontra o *Gran Me*: deitado, olhando fixamente para o teto e, particularmente, para um pingente da cortina, que, no verão, torna-se um cacho de moscas. Agora, o escritório é mantido na penumbra. Por um orifício da cortina, entra um raio de sol, que parece incendiar um pequeno ponto do tapete. A imagem figurativiza bem a cosmovisão pirandelliana do universo como escuridão infinita, em que o homem, o intelectual, é apenas um ponto luminoso, que é absorvido pelas trevas quando chega ao final da sua vida terrena. O *Gran Me* observa, atentamente, o pó que gira lentamente no espaço do raio e do qual, de vez em quando, parece destacar-se como um átomo de luz que logo se desfaz na sombra.

Analogamente aos protagonistas, também, os ambientes dos dois diálogos se relacionam tensivamente: no primeiro, como os protagonistas vinham do exterior, é compreensível que o ambiente fosse a entrada da casa, isto é, a sua parte social, por conseguinte, afim ao *eu prático*; neste segundo diálogo, o ambiente é afim ao *eu intelectual*: daí, a valorização da sombra ou penumbra, que destaca ainda mais aquele ponto luminoso. Justamente desse cenário, é extraído o assunto para o início do segundo diálogo: segundo a sua lógica de permanência, de conservação, de repetição, Jeremias considera estupidez que o "átomo de luz" se destaque do raio, analogamente aos pensamentos do *Gran Me*, e precipite na sombra, quando poderia usufruir do conforto permanente da luz. Mas que importância poderia ter a luz para um cego? pergunta, humoristicamente, o intelectual referindo-se ao homem prático.

Como no primeiro diálogo, no ambiente e no nível da vida comum, o *Gran Me* foi caracterizado como aquele que concedia em favor da convivência com o seu rival, aqui, no escritório, no ambiente do escritor, é o homem prático que deve adaptar-se, aproximando-se do sonhador. Não escapa, ao atento e sempre franco observador, a incoerência, que é um dos traços principais do seu interlocutor e do homem em geral, socialmente tipificado.

O relacionamento entre os dois é, permanentemente, tenso: o *eu prático* e o *eu intelectual* não coincidem em seus pontos de vista nem com relação ao corpo comum a ambos. Diante da acusação de falta de juízo, o *piccolo me* argumenta valendo-se das necessidades fisiológicas, sem a satisfação das quais, do seu ponto de vista, não é possível viver. Até este ponto, aparentemente, estão de acordo; de fato, porém, aqui, é mais sensível a diferença entre ambos, porque, para o homem prático, a satisfação daquelas necessidades se torna um fim, que, fastidiosamente, deve repetir-se todos os dias; por isso, quando o escritor pergunta "E daí?", a resposta só pode ser: "Daí, nada".

Se, ao desejo do homem prático, como esclarece Jeremias, não se junta a vontade do intelectual, nenhum resultado se pode, praticamente, obter. Os objetivos de ambos se situam nos extremos opostos: o homem comum esgota suas possibilidades na direção horizontal, ao passo que o homem intelectual se move, sempre, no sentido vertical, tendendo a elevar-se cada vez mais. Como se move numa direção perpendicular, o homem prático considera uma loucura e uma infelicidade essa contínua elevação, que só pode levar a uma solidão cada vez maior. Daí, a sua pergunta, bem coerente com a sua prática maneira de ser: "o sentido, o objetivo da minha vida, como você poderá encontrá-lo se não o procura na própria vida?". Contraopondo-se a essa visão horizontal, o intelectual, valendo-se de exemplos extraídos da experiência de um único dia, demonstra a falta de sentido da vida no sofrimento do cavalo, que devia puxar, sempre, o carro e a sua carga por íngremes aclives; na vida do próprio condutor, que há tantos anos fazia a mesma coisa; da pobre viúva, com quatro filhos, que pedia auxílio para a sobrevivência sua e dos seus pequenos; sobretudo, a vida do velho, vestido de forma paupérrima, que se aproximava rapidamente da morte. O *piccolo me* via, em tudo isso, o conforto de ter vivido, admoestando, severamente, o *Gran Me* porque "tu guardi vivere, e non vivi". O homem comum, no ambiente do intelectual, começa a raciocinar criticamente, à semelhança do escritor, com o que, dando-se conta disso, ele não concorda, porque tornar-se filósofo seria, na sua visão prática do mundo, a pior das desgraças. Sendo obrigados a viverem no mesmo corpo, para evitar maiores atritos, concordam em dividir o tempo, para atender às necessidades específicas de cada um.

A divisão das horas, impondo um critério de salvaguarda dos direitos particulares, de modo que, no horário reservado a uma necessidade indispensável à subsistência, não houvesse interferência do intelectual, como, por exemplo, ler durante as refeições ou, à noite, no período reservado para dormir. O acordo, então, transforma-se numa necessidade vital, indispensável para a preservação da vida conjugal, que se inviabilizaria sem a regularidade nos hábitos, até ali, inexistentes. Por isso, é exigida, pelo *eu prático*, que, conscientemente, confronta-se com o intelectual no tocante ao seu tenso relacionamento com o mundo. Sublinhando, na sua pequenez, o seu maior direito à vida rotineira da pequena terra, insuficiente para satisfazer o desejo grandioso, excessivo e requintado do fantasioso intelectual, o *piccolo me*, apoiando-se na convicção do seu adversário, ressalta a contradição do *Gran Me*.

O terceiro diálogo – *La vigilia* – é pouco conhecido e mencionado raramente, porque não constava do apêndice – *Racconti aggiunti* – das edições precedentes à XI, de 1978, que estamos adotando neste trabalho.

Como os dois precedentes, também, este começa com um longo trecho entre parênteses, que situa, circunstancial e discursivamente, os protagonistas no processo de transição do estado de solitária liberdade para o convívio social, que impõe duras restrições à autêntica personalidade. A preparação da moradia e a expectativa do casamento provocam, no homem prático, uma satisfação ímpar, não compartilhada pelo intelectual, que, impacientemente, deseja readquirir, ainda que só parcialmente, o seu direito à solidão, cada vez mais difícil, como lhe demonstravam os últimos três meses e que, como ele temia, acentuar-se-ia a partir do dia seguinte.

O convívio social ressalta ainda mais a tensão entre a aparência, personificada por Jeremias, e o ser que ainda sobrevive no *Gran Me*, conforme o qual o casamento não só não resolverá os problemas, como os agravará sobremaneira.

Reportando-se ao diálogo precedente, o *Eu Maiúsculo* ressalta o seu consciente estranhamento no tocante aos limites físicos impostos pela terra, ratificando a já mencionada convicção pirandeliana da tensão entre a pequenez do homem e a imensidão cósmica, base da concepção romântica de ironia, gerando a alienadora solidão do intelectual no confronto com o utilitarismo rotineiro do homem comum.

Após esse vôo da fantasia criadora, que se conclui com duas estrofes de cinco versos hendecassílabos com rima alternada, que exprimem, adequadamente, o movimento do intelectual no sentido vertical, o *eu minúsculo*, incapaz de acompanhá-lo nessa ascensão, puxa-o para baixo, para a realidade chã de que o homem prático não consegue libertar-se. Ao poeta, sucede o humorista, que experimenta o sentimento do contrário relativo ao seu interlocutor, banalizando o evento social, especialmente apreciado pelo seu anti-eu, que, resfriando-se, em vez do tradicional "sim", poderia responder com um espirro.

O quarto e último diálogo – *In società* –, como o precedente, é pouco conhecido e citado, porque, também, não constava das edições anteriores de *Novelle per un anno*. Como nos três precedentes, antes do diálogo, o narrador explica, entre parênteses, o contexto em que se desenvolve o confronto de idéias.

Este diálogo representa o desfecho a que levam os três precedentes, confirmando as suspeitas do intelectual, relativas à socialização pretendida pelo eu prático. O cenário – o salão intelectual na casa X – retrata a vida supérflua das personalidades mais representativas da época, a começar pelos nobres anfitriões: "A Marquesa X", escritora que tem uma renda fora do comum e é possuidora de uma qualidade ímpar, pois, além de tudo, "é uma bela mulher". O narrador se posiciona tensivamente com relação à "atividade intelectual" exercida como "distração" pela dona da casa, graças aos favores comprados pela distinção do convite para participar daquelas seletas reuniões.

A presença do humorista se evidencia nos traços firmes com que o narrador descreve o marido, o qual, fisicamente, é o oposto da esposa, mas que se distingue pela classe social (nobreza), pela sua atividade política (liberal democrático, mas sua cadeira, observa o humorista, situa-se no lado direito da assembléia), além de ser muito rico e generoso: mesmo sendo um aficionado colecionador de medalhas, às vezes, lesa sua coleção, premiando conhecidos escritores, admiradores das "qualidades" da esposa.

Nesse ambiente, baseado, exclusivamente, na aparência e onde tudo é postigo, o verdadeiro mérito é o que menos vale: aplaude-se uma pianista que se esquia e nem se senta para fazer a sua "exibição". Por essa razão, ao indisfarçável prazer do eu prático, corresponde o pudor, a retração do escritor, que *enrubesce*. Símbolo desse ambiente social é o fraque, "forma" que sufoca o intelectual, tolhendo-lhe a sua natural liberdade. Vingam-se, como autêntico humorista, sublinhando a importância do fraque como arma que derrotou os japoneses diante dos russos, mais afeitos ao jogo da aparência. A participação naquelas reuniões, do ponto de vista do eu prático, constitui o meio mais eficaz para exhibir o escritor, chamar a atenção da intelectualidade local e torná-lo conhecido. Mas, pergunta o escritor, como podem conhecer, verdadeiramente, o intelectual, o *ser interior*, se todos se limitam à valorização da aparência exterior?

Contrafeito, mas não vencido, o *eu minúsculo* desloca o foco da sua argumentação para o outro extremo: se não para ser conhecido, pelo menos, para proporcionar-lhe a oportunidade de conhecer as pessoas como são realmente, em vez de vê-las só

ficcionalmente, como faz o intelectual. Porém, mesmo reconhecendo a impossibilidade de encontrar, naquele *seleto* ambiente, paixões verdadeiras ou idéias profundas, ao fundamentar a sua argumentação, não consegue ir além da figura exterior, nem evitar, também, dessa perspectiva, uma mordaz crítica aos excessos no vestir das mulheres que desejam, sobretudo, exhibir-se, não obstante a dissimulada indiferença dos maridos, a contragosto, compreensivos.

Exibicionismo e simulação caracterizam, também, o quadro que conclui a narração, quando todos se levantam e seguem a senhorita B., que, encorajada pelas amigas, aproxima-se do piano, dando a impressão de que está com as mãos duras de frio. Embora nada apresente, todos aplaudem. A facilidade e o entusiasmo com que o *eu minúsculo* se sociabiliza surpreendem a vigilante consciência do intelectual. Confirmando a tensão, que caracteriza o dinamismo da narração, à satisfação do eu prático, que se adapta cada vez mais à simulação e dissimulação próprias do convívio social, corresponde a indiferença, o tédio do intelectual.

Estes diálogos são, em nosso ver, um desenvolvimento do ainda impreciso “dissídio interno”, que caracteriza alguns poemas de *Mal giocondo*: define-se, com precisão, a parte que permanece, que se esquematiza e aprisiona a pessoa numa determinada forma, dando, dela, a falsa imagem de uma inalterável instituição que se traduz, exteriormente, numa rotina asfixiante. Contudo, define-se, também, a parte viva, que, do presente, projeta-se para o futuro, lutando para não se deixar imobilizar numa fórmula mortificante. É a tensão entre o fastidioso “continuar sendo”, que corresponde a uma ineliminável exigência social, e o atraente devir, a constante descoberta, o dinamismo, que representa, também, uma ineliminável exigência vital, íntima, intelectual e artística.

Numa leitura mais abrangente, esses diálogos podem, também, ser entendidos como a expressão cultural de duas mentalidades contrapostas: a positivista, baseada na inelutabilidade da constante repetição, da racional rotina, sem mistérios, dos esquemas fixos, confrontada com uma sentimental, intuitiva vitalidade, que, constantemente, nega aquela presumida inércia.

A visão de Pirandello, no entender de Romano Luperini (1981), oscila entre uma substancial aceitação do mundo, considerado uma realidade imóvel, imutável, e uma revolta anárquica contra esse mundo; oscila entre esquemas ainda positivistas e a sua dissolução em nome de um relativismo que atesta a sua crise.

Estabelece-se, então, uma relação tensiva entre o contexto exterior predominante, que tende a modelar seus elementos figurando tipos abstratos, e a exigência interior, que impulsiona para a criação de seres sempre novos, vivos.

RODRIGUES, V. M. Pirandello's "Dialogues Between The Big Me And The Little Me" – Introduction and Translation. **Olho d'água**, São José do Rio Preto, v. 1, n. 1, p. 75-92, 2009.

## Referências

ANDERSSON, G. *Arte e Teoria: studi sula poetica del giovane Luigi Pirandello*. Stockolm: Almqvist & Wiksell, 1966.

LUPERINI, R. *Il Novecento*. Torino: Loescher, 1981, v. 1, p. 109.

PIRANDELLO, L. *Saggi, poesie e scritti varii*. 4 ed. Milano: Mondadori, 1977.

## Diálogos entre o eu maiúsculo e o eu minúsculo

Luigi Pirandello

### I Nossa esposa\*

*(O Eu Maiúsculo e o eu minúsculo voltavam à noitinha para casa de um pique-nique, em que estiveram o dia todo em companhia de gentis garotas, nas quais o arrebatador espetáculo da nova estação certamente despertava no coração, como seus olhos e sorrisos e as palavras revelavam, doces, inefáveis vontades. O Eu Maiúsculo ainda está como tomado pela estupefação e vendo os fantasmas que no seu espírito tinham sido criados pelo difuso encantamento da primavera que renascia. O eu minúsculo, ao contrário, está muito cansado e gostaria de lavar-se as mãos e o rosto e ir dormir. O quarto estava escuro. O tecido das leves cortinas desenha-se no vão das janelas ao claro luar. Vem de baixo o murmúrio doce das águas do Tibre e, de quando em quando, o melancólico rolar de alguma viatura sobre a ponte de madeira de Ripetta.)*

— Vamos acender a luz?

— Não, espere ... espere... Vamos ficar mais um pouco assim, no escuro. Deixe-me gozar, com os olhos fechados, mais um pouco o sol de hoje. A visão dos objetos conhecidos me privaria do arrebatamento suave, que ainda me invade. Vamos deitar-nos nesta poltrona.

— No escuro? Com os olhos fechados? Olhe, eu durmo! Não aguento mais...

— Acenda a luz, mas fique calado, quieto por um momento, seu chato! Está bocejando? ...

— Estou...

*(O eu minúsculo acende a luz da mesinha, e logo em seguida, surpreso, exclama.)*

— Oh, olhe! Uma carta... É dela!

— Dê-me... Não quero ouvir nada, por ora!

— Como! Uma carta dela...

— Dê-me, repito! Nós a leremos mais tarde. Agora não quero ser chateado.

— Ah é? Então faça você notar que hoje com aquelas garotas você disse e fez um monte de besteiras, talvez até me comprometendo!

— Eu? Você está louco! O que eu fiz?

— Pergunte a sua mão e a seus olhos. Eu sei que me senti embaraçado, durante o dia todo; e mais uma vez comprovei que nós dois não podemos estar contentes ao mesmo tempo.

— E de quem é a culpa? Minha, talvez? Acreditava estar-lhe proporcionando um prazer ontem à noite quando aceitei o convite para o pique-nique. Não vive queixando-se que não me preocupo com você, com a sua saúde; que eu o obrigo a ficar fechado comigo no escritório entre os livros e papéis, sozinho, sem ar e sem ação? Não se queixou sempre que eu atrapalho até as suas refeições e as poucas horas concedidas a você pelos meus pensamentos, as minhas reflexões e o meu tédio? E agora você se queixa porque eu me descontraí um dia na companhia das gentis garotas e na alegria da estação. O que você pretende de mim, se de maneira nenhuma quer ficar satisfeito?

— Você enrola, enrola, enrola, desfia a fieira e roda o pião... Quando você fala, quem consegue acompanhá-lo? Você consegue transformar o branco em preto e o preto em branco. O fato de você ter-se descontraído hoje teria sido um bem para

\* Publicado, inicialmente, em **La Tavola Rotonda**, 02 de novembro de 1895.

mim, se não se tivesse descontraído demais... demais, entende? E este é o mal, e deriva do modo de vida que você leva e me faz levar. Excessivamente reprimida é a nossa juventude; e basta que solte um pouco o freio, pronto, pega-o logo pela mão e, então, ou são tolices ou loucuras, que já não condizem conosco, que temos um compromisso sacrossanto para manter. Dê-me a carta e não bufe!

— Como você me chateia, Jeremias! Pôs na cabeça que deve casar-se, e depois de ter-me convencido com insuportáveis lamentações, não satisfeito tornou-se para mim um suplício maior! Como será quando tivermos em casa a esposa?

Será a sua e a minha sorte, meu caro!

— Eu, por mim, já disse e repito que não quero saber de esposa. Que seja a sua sorte! Não quero interferir.

— E faz bem, até certo ponto. Você sempre acaba estragando todos os meus planos. Dois anos atrás, eu estava tão satisfeito com o namoro com a nossa prima Elisa... lembra-se? Recorria a você para algum sonetinho ou madrigal, e você com os seus versos, ingrato, a fazia chorar... Eu lhe dizia: calado, deixe comigo! Como você espera que ela entenda seus fantasmas e suas arrojadas reflexões? Como você espera que o seu pesinho ultrapasse a porta do seu sonho? Como você foi cruel! Você mesmo, posteriormente, o confessou em versos: folhee as suas cartas e encontrei alguns poemas que exaltavam e que faziam sofrer a pobre Elisa... E agora, com esta outra, o que você pretende fazer? Responda.

— Nada. Jamais lhe direi uma palavra; deixarei sempre você falar, está contente? Com a condição de que me prometa que ela jamais virá a perturbar-me no meu escritório e não me obrigue a dizer-lhe o que penso e o que sinto. Em suma, você se casa, e não eu...

— Como! E se você pretende conservar integralmente a sua liberdade, como eu vou poder ter paz em casa com ela?

— Eu quero a liberdade dos meus pensamentos secretos. Você sabe que o amor jamais foi e nem será, para mim, um tirano; eu, de fato, sempre deixei para você o exercício do amor. A este respeito, por conseguinte, faça como melhor lhe aprouver. Eu tenho mais no que pensar. Você se casa, se considera isso mesmo necessário.

— Necessário, sim, já disse isso a você! Porque, se continuo mais um pouco somente em seu poder, tornar-me-ei, sem dúvida, a criatura mais miserável da terra. Tenho necessidade absoluta de uma companhia amorosa, de uma mulher que me faça sentir a vida e caminhar entre os meus semelhantes, ora triste ora alegre, pelos caminhos comuns da terra. Ah, meu caro, estou cansado de pregar os botões na nossa camisa e espetar-me os dedos com a agulha, enquanto você com a mente navega no mar turvo das quimeras. Em cada nó na linha você grita: quebre, enquanto eu, coitadinho, pacientemente procuro com as unhas desmanchá-lo. Agora chega! De nós dois eu sou o que deve morrer antes: você tem, para seu orgulho, a esperança de viver para além deste século; então deixe-me gozar em paz um pouco do meu tempo! Pense: teremos uma casinha cômoda, e sentiremos, nestes mudos cômodos, ressoar a vida tranquila, a nossa mulher cantar, costurando, e ferver a panela, à noite... Não são, também estas, coisas boas e bonitas? Você vai ficar apartado, sozinho, trabalhando. Ninguém vai incomodá-lo. Desde que, ao sair do escritório, você saiba fazer cara boa para a nossa companheira. Veja, nós não queremos demais de você; você deverá ter paciência conosco durante algumas horas por dia, e à noite... não ir muito tarde para a cama...

— E depois?... Dizia Carneades, o filósofo, entrando no quarto da esposa: Boa sorte! Procriemos filhos. Vocês os mandarão para aprender comigo?

— Não, isso não, escute! Deixe que eu educo os filhos que vierem: você poderia torná-los infelizes como você. Mas sobre isso discutiremos a seu tempo. Agora ouça-me: durma! Deixe-me ler a carta da esposa, e em seguida responder-lhe. O meu cansaço já passou.

Quer que eu lhe dite a resposta?

— Não, obrigado! Durma... Dou conta disso sozinho. Aprendi, praticando com você, a não cometer erros. Por outro lado, o amor não precisa da gramática. E você seria capaz de arrebitar o nariz ao notar que nossa esposa escreve “colégio” com dois *g*.

## II O acordo\*

*(O Eu Maiúsculo, estendido sobre a mesinha, olha absorto para o teto de tela, que tem um farrapo pendente, de que o verão costuma fazer um cacho de moscas. O eu minúsculo está como sobre um aparelho de tortura, e passeia agitado de um lado para outro e, de quando em quando, bufa. O escritório está na penumbra, graças à cortina na janela. A cortina, contudo, tem duas ou três hastes rasgadas, por onde um raio de sol penetra agudamente no cômodo e incide no pé da mesinha, sobre o tapetinho tecido artesanalmente,, do qual incendeia num ponto a lanugem multicolorida. O Eu Maiúsculo se volta para observar atentamente o áureo pó que gira lento, sem parar, neste fio de sol, e do qual, de quando em quando, se desprende como um átomo de luz, que logo se extingue na sombra.)*

— Assim cada pensamento meu!

— Muito bem! E você não considera tolo o átomo que se destaca do raio, no qual podia iludir-se beatamente, para dar um mergulho e naufragar na sombra?

<sup>3</sup>/<sub>4</sub> Não. Tolo é você. Que preço pode ter a luz para um cego?

— Bravo! Mas também quantas vezes eu não tive a ilusão de que os nossos olhos me serviam muito bem, como, de resto, os outros sentidos, os quais, sem dúvida, me serviriam melhor, se você me permitisse maior liberdade para usá-los. Sou eu o responsável, se você não consegue ver nada?

E o que você vê?

— Eu? O que há para ver. É verdade que, nestes tempos, vêem-se quase somente misérias e feiúras; mas você, que poderia magicamente fazer o encantamento, para você e para mim (se não para os demais), destas misérias e feiúras, por que, desculpe, ao invés disso se empenha para fazer-me ver umas mais tristes e as outras mais baixas, tanto que, mais do que tédio, podemos dizer que sentimos nojo de viver?

— Ah, você agora me fala de encantamento, você que continuamente me lembra dos hábitos comuns, você escravo das necessidades comuns, você que se deixa levar pela corrente dos casos rotineiros, aceitando, sem pensar, a vida como ela vai se revelando nos seus efeitos?

— Como, como? Não o entendo. O que eu aceito? O que recuso? Eu que vivo, ou melhor, gostaria de viver como eu e você poderíamos nas nossas condições, se você não se preocupasse tanto com o que, no fundo, pouca importância tem, pelo menos a meu juízo.

Mas que juízo quer você ter?

— Ah, boa essa! O juízo de à noite dormir, por exemplo, se você não enrijecesse o sono nos olhos, sugerindo-me no silêncio com o seu fantasiar o temor da morte infalível e quase iminente; o juízo de ter um pouco de apetite graças à prática de algum esporte saudável, no seu devido tempo; o juízo de algumas vezes não ter juízo; e o de, finalmente (por que não?), trabalhar, mas para nosso proveito e dos outros, de uma maneira qualquer.

E daí?

Daí, nada.

— E daí eu lhe digo: resignar-se a ir adiante assim, um dia depois do outro, até a velhice, deixando-me sempre impedido, em desesperada e infinita suspensão,

---

\* Publicado, inicialmente, em **Marzocco**, 13 de junho de 1897.

obviando com fúteis pretextos a minha assídua consternação, e não ousando avançar um mínimo ato, uma palavra além dos limites do habitual, temendo a situação incômoda, que na defesa destes limites impuseram as leis, você não rasga a veste talhada rigorosamente conforme a moda nem se arranha as honestas mãos. Assim, assim você gostaria de continuar arrastando-me cegamente consigo para a ruína extrema, para baixo, para baixo em bando, empurrado, expulso pelo tempo, como num rebanho que vai pastando o escasso capim que vai encontrando entre as patas apressadas pelo bastão e as pedradas do antigo pastor. Mas eu não sou do rebanho, meu caro! Eu não digo como você: aqui estou, tosqueiem-me; dêem-me a forma que mais lhes aprouver! — Eu quero o comando de mim mesmo, você a sua escravidão.

— A minha escravidão? E como! Você já não me mantém escravo o bastante? Oh, melhor, diga que me quer morto! Eu, coitadinho... que mais me permito fazer, se não aconselhá-lo tímida e submissamente a comer algo quando o vejo definhar, ou um pouco de descanso em alguma distraçãozinha ou um soninho? Ah então faço mal quando, diante do espelho, faço você notar que a nossa testa, por exemplo, mostra que está ficando muito ampla; que em breve, em suma, a nossa juventude estará murcha? E você pretende que eu não me queixe, cáspite! Que não me desespere por não ter aproveitado quanto gostaria? Mas, sim! Infelizmente, nada nasce se a vontade não se casa com o desejo. E, para você, o desejo sempre teve o erro de ser meu, ao passo que sempre teve de ser sua a vontade, infecunda, para mim, de qualquer bem. Felizes, felizes os anos da infância. Porque creio que você não fosse grande também naquele tempo, quando nós dois éramos pequenos. A propósito, diga-me: como lhe veio em mente de tornar-se tão grande? Que infelicidade, meu caro! Se inclusive não foi uma loucura... Chega. Perdoe a minha pequenez, eu digo: o sentido, o escopo da minha vida, como você poderá encontrá-lo, se não o procura na própria vida?

— Procurá-lo... Bravo! E como? A noite passada, na viatura, lembra-se? Como se caminhava passo a passo pela íngreme rua que leva à estação: você estava pensando naquela que foi esperar e que não veio; eu olhava as costas e os flancos do velho cocheiro durante tantos anos ali em cima daquela caixinha chiadeira. — É duro nascer cavalo, subir por estes caminhos... — E eu conduzi-lo? — voltou-se para dizer-me o cocheiro. — Boa Pasqua, senhorzinho! Dê algo a uma pobre viúva com quatro meninos... — No bolso tenho fósforos — você me disse, e eu não dei nem uma moeda à viúva. Na calçada à direita, tossindo, descia um velho pobremente vestido com o chapéu cilíndrico despelado e descolorido: — A última Pasqua, velho! Veja aonde põe os pés: uma outra pedra, e o fosso... Você encontrou o que eu procuro? — Ali! — talvez me tivesse respondido, se me tivesse entendido, apontando um casal de esposos que descia atrás dele. — Ali, mas por pouco tempo, como em tantas outras coisas: agora experimento procurá-lo na igreja; mas não o encontrei. Semente de linho, caro, quando você tiver tosse; um bom cataplasma no peito, e um pouquinho de mostarda: tira a umidade...

— Grato! Mas o velho procurou, viveu. Ao passo que você olha viver, e não vive. E assim, sabe-se, eu posso ser burro, mas você jamais entenderá como os outros podem relativamente encontrar hoje o sentido e a finalidade numa coisa, amanhã numa outra entre as tantas e tantas que formam e compõem precisamente a vida. Tenha compaixão de mim: veja, está fazendo que eu também me torne filósofo, que, para mim, seria a pior das desgraças. E, portanto, meu caro, tomemos por receita lançar-nos de uma janela ou enforcarmo-nos numa árvore, que será melhor. Não, não, fora: melhor fazer um acordo de uma vez por todas, já que devemos, obrigatoriamente, viver juntos. Creia que toda a vontade que você tem de me matar, eu também teria de matar você... Odeio você, detesto-o, espancá-lo-ia todos os dias, se eu não tivesse que gritar ai juntamente com você. Pactos claros, portanto, e dividamos as horas entre nós.

— Vamos dividi-las.

- Cada um de nós, senhor absoluto das suas horas.
- Senhor absoluto.
- Comecemos: quantas horas de sono você acha que me cabem? Eu pleiteio sete.
- Demais!
- Parecem-lhe demais? Mas se eu, quando estou com você, sempre tenho sono! Você não se dá conta, mas atente que você é muito enfadonho, e que, se me der menos, certamente acabarei adormecendo, assim que você começar a fantasiar... Vamos adiante. Oh, mas ... espera, antes: sete horas, digo, de sono — entendamos! Não gostaria que, como você tem feito até aqui, que indo para a cama... — pensamentos, fantasias, elucubrações, manias, livros, histórias: tudo isso deve ficar no escritório. A pegar logo no sono eu penso. E, igualmente, que não aconteça de você envenenar minha refeição com as suas eternas reflexões. A hora das refeições tem de ser minha. Combinado?
- Quem lhe negou isso?
- Você não a nega, mas a estraga. Você não vem freqüentemente para a mesa com um livro aberto na mão? Um bocado para mim, e quinze minutos de leitura para você. E eu como a comida fria e digiro mal.
- Chega, chega! Você me afoga num pântano!
- Chega... Artigo amor, o que você pretende fazer?
- Deixo para você, mas atente, não desejo perder muito tempo.
- Ah, você não pretende levar a sério nem o amor? E o que resta, então, para você na vida? O que, então, você pretende fazer do seu tempo?
- Isso é problema meu, e você não deve intrometer-se.
- E está bem..., ou seja, está mal. Mas tire-me uma dúvida. Você sempre diz que sente todo o mundo sobre a sua cabeça. Deve ser verdade, porque eu sempre tenho dor de cabeça. Mas se a terra, nesse seu mundo, lhe parece coisa tão pequena e desprezível, não acha que eu tenho mais direito do que você de viver aqui? Ah, em certos momentos, acredite, meu caro, a sua grandeza me faz sentir piedade; e em certos outros momentos, pergunto se eu, na minha pequenez, não sou maior do que você.

### III A véspera\*

*(O eu minúsculo, que gostaria de parecer felicíssimo, por volta de meia-noite, arrasta consigo para casa o Eu Maiúsculo, bufando de tédio. Aquele, no último mês, esteve ocupado em pôr em ordem a casa de casado; este, como um cão espancado, teve de segui-lo. E não poucas alterações entre eles se verificaram, como facilmente poderá imaginar quem quiser considerar quantos obstáculos e quantos esquecimentos foram causa para a ânsia e os cuidados de um, aversão e inaptidão do outro. Mas a nova casa já está completamente em ordem: o eu minúsculo, deixando a esposa após os acordos para o dia seguinte, quis reexaminar tudo: e ficou satisfeito. Agora o Eu Maiúsculo, pondo pela última vez o pé no pequeno apartamento de solteiro, solta pelo nariz um bem longo suspiro e exclama:)*

- Finalmente!
- Eh, não, caro: mais um pouco de paciência... Pouco, pouco. Agora estamos somente na véspera...
- Sim, dê uma esfregadinha nas mãos, assim, bem contente! Ao passo que eu... Mas, em suma, pode-se saber quando deverá acabar esse *pouco pouco*, que você vem repetindo há meses?

---

\* Publicado, inicialmente, em **Ariel**, Roma, Ano I, n. 2, 25 dezembro de 1897.

— Já estamos na véspera, lhe disse. O ninho, você viu? Está pronto. Amanhã, o casamento... Amanhã, finalmente. Ah!... Em seguida, está já entendido, em casa, e depois, depois chega.

— Chega, sim: a não ser que eu julgue que é melhor estourar do que ter paciência até lá.

— Mas o que está dizendo... Ria comigo, vamos! Fique feliz comigo! Desculpe, nem o mês da chamada lua-de-mel você gostaria de não conceder-me? Você já comeu o burro, como se costuma dizer, e está embaraçado com o rabo?

— Eu não comi o burro: fui burro juntamente com você durante três meses.

— Quando você é cordial comigo sempre se considera burro: sinal de que você se arrepende e por isso não lhe sou grato.

— Mas você acha que eu diverti três meses como sua vela, ouvindo as suas tontices amorosas, assistindo às suas denguições e às suas melosidades de macacos apaixonados?

— Como se você não tivesse tirado também a sua casquinha! E como se as tolices que sussurram entre si os namorados não estivessem entre as coisas mais respeitáveis deste mundo! Vamos lá, vamos... Não vai ser desmancha-prazeres justamente nesta noite da véspera, vai? Uma vez, se não me engano, ouvi você dizer que nada no mundo dá maior satisfação do que fazer os outros felizes...

— Sim, mas disse também, se não me engano, que nada torna os outros mais caros do que serem ou se mostrarem contentes conosco. E você não se contenta nunca.

— Não é verdade. Talvez eu não o mostre, para que você não pretenda uma compensação excessiva. Mas repito que, nestes três últimos meses, para mim repletos de alegria, fiquei mesmo satisfeito com você. E ela também, satisfetíssima, como você, certamente, deve ter percebido. Ou melhor, sabe? Os parentes, vendo-o tão bonzinho e cordato, quase quase me deram a entender que na mente deles o leviano devo ser eu, porque opinam que, quando você quer, diz... eu poderia facilmente persuadi-lo a pensar um pouco mais decisivamente, agora que nos casamos, deixando, diz... por exemplo, essa arte, que não dá lucro... Enganam-se muito, infelizmente, você bem sabe; contudo eu, para não criar embaraços para você, calei-me: não me defendi. Somente prometi... que tentaria.

— Você não se arriscará nunca, espero, a proferir uma sílaba sobre esse propósito.

— Eu sei! Seria inútil. Felizmente, no entanto, digo que não precisamos ganhar o pão com o nosso tempo. De qualquer maneira, por outro lado, quem sabe se não teríamos sido menos infelizes, se a sorte o tivesse obrigado a usar a sua mesinha do escritório como um balcão de alquimista, em cima do qual diariamente você se torturasse destilando lágrimas de angústias misteriosas, uma amassadeira do pão cotidiano. Mudemos de assunto. Mas, a propósito, viu que bela escrivaninha e que belas estantes compramos para você? Ela, com um pensamento muito gentil, quis montar-lhe um escritório como o que você descreveu no seu último livro. Eu, para ganhar a simpatia dos parentes, fingi que me opunha, fazendo-os notar que, para quem descreve os belos móveis, é necessário um pouco de gosto, de papel e de tinta; mas para quem deve comprar essa mobília é necessário bastante dinheiro. Mas, no final, consenti para que você tivesse a simpatia dela. Mas diga a verdade, não está contente também você agora?

— Sim, coitadinha, ela é boa ou, pelo menos agora, parece. Mas eu penso que amanhã nós dois seremos três, ou melhor, você será dois e, veja, não consigo não afligir-me, sentindo mais que nunca nascido e feito para a solidão. Embora saiba que em grande parte eu sou razão de você freqüentemente parecer aos outros superficial, desta vez você, por si só, está para cometer algo pior do que uma leviandade; e se os demais a considerarem como eu, quero que você mesmo seja testemunha de que nada tenho a ver com isso. E por isso não quero remorsos nem para você, que, segundo a minha previsão, daqui para frente será mais infeliz do que foi até aqui, dividido entre os deveres imprescindíveis que tem em relação a

mim e os novos que assumirá amanhã com a sua companheira; e não quero nem para ela, que talvez logo não mais terá motivo para orgulhar-se da nossa companhia.

— Entendi muito bem! Esta noite você quer divertir-se apertando o meu coração. É melhor ir para a cama dormir.

— Esse é um seu antigo hábito: nenhum outro afazer, a não ser dormir e comer.

— Melhor do que ficar ouvindo você, é claro.

— Mas para proteger-se das repreensões que desagradam e irritam, de nada adianta tapar os ouvidos com o sono; a voz não vem de fora: fala dentro de nós.

— Eu, com exceção da que me fala da iminente alegria, e essa sua que pretende ofuscá-la, não ouço outras vozes.

— Se ouvisse um pouco mais a sua consciência, ouviria uma outra que lhe diz: — Você já pensou na corrente a que está para ligar a sua prole?

— Oh, meu Deus, agora a prole! Deixe primeiro que ela chegue; se vier! Se todos pensassem nisso antes...

— E todavia é tão fácil admitir que deve vir.

— Pois bem, e então farei como os demais.

— Preste atenção. Que você, por sua parte, se proponha a ser ótimo pai de família, não duvido. Mas como de costume: você me levou em consideração?

— E o que você se propõe a ser?

— Deixe-me dizer-lhe. Você sonhou e está sonhando uma vida, que consista em amor, alegria e sincera paz.

— De preferência.

— Tudo bem com relação ao amor, enquanto durar; mas a paz? Na sua casa terei de morar também eu...

— Eu sei!

— Não poderei ficar isolado o dia todo somente no escritório.

— Eu sei!

— Terei de ir para a mesa com você, irei para a cama com você...

— Eu sei, infelizmente, eu sei! É a minha condenação e você acha que eu não sei?

— Bem, eu lhe digo, e a paz como fica?

— Desculpe, você não poderia acomodar-se e gozar em silêncio a nossa alegria privada? Seria também um doce espetáculo...

— Não digo que não. Mas poderá você impedir que uma grave sombra caia sobre sua casa em decorrência da minha natural infelicidade, entristecendo os seus filhos, perturbando a sua esposa, sempre que um dos meus tantos zelos me desviar dos outros, que não podem nem mesmo entendê-los?

— Estamos para, ou se você preferir, estou para casar-me justamente por isso, creio! Para adotar o remédio, à minha maneira, para a que você denomina sua infelicidade natural.

— E você vai sentir uma grande decepção! Não depende de você o remédio; e se você, ao contrário, tivesse tido maior consideração e mais amor por mim, teria entendido que o mal menor para nós dois teria sido ficar sozinhos, e que era seu dever não se preocupar com outra coisa, nem pensar em outros, a não ser em mim.

— Em suma, era meu dever sacrificar-me?

— Não lhe pareceria sacrifício, se tivesse tido mais confiança em mim. Mas não o culpo dessa falta. Eu me sinto, sinto-me verdadeiramente um estranho nesta terra e tão solitário, que até entendo como nasceu em você, mais do que o desejo, a necessidade de uma companhia amorosa.

— Menos mal!

— Se não o desculpo, veja bem, também não o acuso...

— E, então, por que?...

— Sim, sim, você, de fato, tem razão: esta terra é para você, para os outros... Você sabe tirar dela o sustento; nela você constrói as casas, e vai encontrando, dia após dia, com diligência, mais segura proteção contra as adversidades da natureza,

e maiores confortos. Eu deveria ser o raio do sol, o ar restaurador que entra pelas janelas abertas e leva o perfume das flores; mas muitas vezes não consigo sê-lo, tenho freqüentemente a crueldade do moleque, que com uma pedra tapa o buraco do formigueiro. Muitas vezes a minha grandeza consiste no sentir-me infinitamente pequeno; mas pequena também a terra para mim, e além dos montes, além dos mares procuro para mim algo que forçosamente deve existir, se assim não fosse não saberia explicar esta ânsia arcana que me domina, e que me faz desejar as estrelas...

À minha solidão de gelo,  
ao meu temor, ao meu lento morrer  
fala nas estreladas noites o céu  
de outras vicissitudes para sofrer,  
sempre dentro do mistério e neste anseio.  
"E até quando?" a alma suspira.  
Infinito silêncio no alto acolhe  
A sua pergunta. Vê também tremerem  
As estrelas no céu, quase animadas folhas  
de uma selva, em que arcano hálito expira.

— Devo escrever esses versos no papel? Por Deus, eu não diria que brotaram para a feliz ocasião... Olá, desça do céu, lhe peço... Eu estou aqui na janela, e com frio. Não gostaria de pegar um resfriado justamente esta noite...

— Amanhã você responderia com um espirro ao invés do sim sacramental.

— Sem brincadeiras, sem brincadeiras... Vamos fechar. E antes que o fogo se apague na pequena lareira, ocupemos, se não lhe desagrade, este resto de noite para destruir os papéis e as relíquias comprometedoras da primeira parte da nossa juventude que se encerra nesta noite.

#### IV Na sociedade\*

*(Salão na casa X. Salão "intelectual". A marquesa X é escritora, porém com isto de singular: que é uma bela mulher.*

*Quarenta mil liras de renda.*

*Publica novelas e variações sentimentais — ela as chama assim — nas principais revistas. Não é raro, aos sábados, encontrar entre os comensais da marquesa os diretores destas revistas.*

O marido, o honrado marquês X, calvo, míope, barbudo, com quatro legislaturas, senta-se à Direita, mas é — logicamente — liberal e, também ele, democrático. Colecionador apaixonado, possui como S. M. uma preciosa coleção de medalhas. Não é, porém, muito zeloso com ela. Prova disso é que presenteou com mais de uma bela medalha escritores bem conhecidos, admiradores de sua esposa.

*Freqüentam o salão muitas damas da aristocracia e senhoras protetoras da Sociedade para a cultura da mulher, senadores, deputados, literatos, jornalistas seletos.*

*A bem da verdade, o meu eu minúsculo não precisou absolutamente esforçar-se para entrar no rol destes eleitos: mas seria hipocrisia negar que o convite lhe tenha dado um vivo prazer e uma grande satisfação, com o que o Eu Maiúsculo se irritou.*

*Ora, a marquesa X, loira e rechonchuda, radiante e palpitante no seu generosíssimo mas não indecente decote, pega o eu minúsculo pelo braço, girando com ele para apresentá-lo às damas, às senhoras, fazendo de passagem algum aceno ao Eu Maiúsculo, que enrubesce, enquanto o eu minúsculo — sorriso fácil e gesto vivo — se inclina.*

*Terminada a apresentação, o Eu Maiúsculo pergunta ao eu minúsculo:)*

\* Publicado, inicialmente, em **II Ventesimo**, Gênova, 4 de fevereiro de 1906.

- Onde você vai sentar-se agora?
- Espere: deixe-me olhar. Mas anime-se! Você me parece ainda assustado pela gravidade do criado que na sala tirou o nosso sobretudo. Olhe, se você pretende manter essa conduta será pior.
- Nada de compostura, mas estou sufocado, meu caro. Prendeu-me num colarinho mais alto do que você, falou-me como fantoche...
- Vamos, vamos, paciência! Composto, vamos! Perceberão, por Deus, que não estamos acostumados a usar fraque...
- E por que você acha que eu me importe com isso? Você bem sabia, imbecil, que eu não estaria bem aqui, no meio desta gente, com esta roupa ridícula. Você vai me obrigar a fazer um papelão!
- Mas se eu vim justamente por sua causa, para torná-lo conhecido, ver...
- Como um urso em feira?
- É necessário que você aprenda, santo Deus! Ouça, ouça o que estão dizendo lá naquele grupo de deputados e jornalistas. Falam da revolução russa, compadecem-se de Witte... Que pena! O homem que em poucos dias, à mesa, conseguira tornar vãs tantas estrepitosas vitórias japonesas, agora... "Mas não, senhores"! diz o brilhante jornalista K. — "Peço-lhes que acreditem que em Portsmouth não venceu absolutamente o Sr. Witte!" — "Oh, oh! E quem, então, venceu?" — "Foi o seu fraque, senhores, o seu fraque! O homenzinho amarelo, com rabo de andorinha, vocês sabem, é lamentavelmente ridículo..."
- (K olhou para nós...)
- (Fique quieto! Ouçamos.) — Meus senhores, os japoneses, espertos como são, deveriam ter entendido isso. Não se despe impunemente a roupa costumeira..."
- (Está ouvindo, está ouvindo?)
- (Fique calado!) — "Não se despe impunemente o hábito nacional, senhores, a indumentária em conformidade com as feições naturais, com a cor da pele e outras similares. Se o senhor Witte e os outros convidados russos se encontrassem na situação de escolher figurinhas japonesas, daquelas que vemos costumeiramente nos leques, nos vasos e nos biombos, pensando como daquelas figurinhas, que parecem feitas por brincadeira, tivesse advindo para a santa Rússia uma tão furiosa tempestade, asseguro-lhes que teriam ficado muito desconcertados e não teriam vencido tão facilmente. Encontraram diante deles, ao invés, o senhor Komura em fraque e o trataram como os criados de um grande senhor tratam, por exemplo, um prefeito de vilarejo convidado para um almoço de gala no palácio."
- Bravo! Esta lição, espero, lhe servirá!
- Mas acho que deveria servir a você! Triunfou o fraque, no final das contas. E você acha que nos dias de hoje... Quietos! Aproxima-se um senhor...
- Esquive-se! Olhe para outro lado!
- Fique parado! Aqui está ele... Diz que conhece você de nome... que leu. Oh, muito bom, muito bom... Deixe-me ouvir, por Deus, o que ele está dizendo! Ah, pergunta-nos se estamos em Roma há muito tempo. O que estamos achando? Vamos, logo: sugira uma bela frase sobre Roma...
- Diga-lhe que está quase se transformando em Paris.
- Muito bem! Está ouvindo? O senhor aprova... Vamos, tenha modos! Não sorria assim... Veja: o senhor me pergunta por que sorrimos. Ele diz que Paris, contudo...
- Mas todos sabem, diacho! Consola-o: Paris é uma outra coisa! Paris é Paris: só há uma — Diga-lhe em francês! Ao passo que Roma... já estamos na terceira, e antes que se transforme em Paris..
- Agora é o senhor que sorri! Você fez que ele se afastasse... E eis mais um inimigo seu! Ufa! Você é, de fato, incorrigível! Mas que prazer você experimenta em criar o vazio ao seu redor? E depois se queixa que ninguém se preocupa com você! Se você não fala, se não se move, se não chama de alguma maneira a atenção das

peessoas para você! Será que você tortura só a mim, interiormente? Fale! Como você quer que as pessoas aprendam a conhecê-lo?

— Vindo aqui, mostrando as suas vestes e a sua tolice, pretende que as pessoas aprendam a conhecer-me?

— Mas eu gostaria que antes, ao contrário, você aprendesse a conhecer as pessoas, como elas são na realidade, não como você as imagina. Enquanto eu falo, e, para não chatear, talvez diga besteiras, dê-se ao cuidado de observar, sem insistência exagerada, o que está a seu redor e, acredite em mim, encontrará o que estudar com mais proveito aqui do que nos seus tantos livros... Ouve como se tagarela, como se passa de um assunto para outro, sem pedantismo, sem intolerâncias? Nada de idéias profundas, nem de paixões, é verdade. Mas que gostos vivos, que traço vivo, que correção agradável de maneiras e de palavras... Olhe aquelas daminhas: intelectuais, é inegável; mas que ombros, que seios! Todavia, como olham tranquilamente, como se não tivessem a mais remota suspeita de estarem assim nuas... E coitados dos maridos! Quem sabe quantos estão pensando neste momento: — Se pelo menos se voltasse à folha de parreira! Porque — quanto à nudez— Santo Deus, depois de termos gasto um olho da cara para vestir nossas esposas, lá estão elas mostrando tudo do mesmo jeito..." — Vamos, vamos, não encare demais! É preciso usufruir deste espetáculo fugazmente, como se fosse uma ilusão que passa, de uma fantasmagoria esplêndida que se evapora... Ui, olhe-se naquele espelho... Você está rubro como uma papoula!... Este perfume... Você se perturba demais, heim grande homem... Vamos, vamos, um pouco de ar na janela...

— Não seria melhor ir embora?

— Não, venha aqui, venha para a janela!

— Vamos respirar...

— Que contraste, heim? Que escuridão! E como tudo parece lúgubre... Olhe aqueles pequenos lampiões, e aquelas arvorezinhas na praça... a chama vacilante do gás no lajeado... e aquelas duas lanterninhas da viatura que avançam lentamente... Que fúnebre palidez! — Vamos: estão chamando-nos... venha... A marquesa nos pergunta se nos entediamos...

— Mas se estou divertindo-me muito!

— Oh, atenção, aqui! Estamos entre as senhoras. Falam do duquezinho de Orléans... Dizem que está começando a encontrar o meio para voltar à França como rei. Fez uma viagem ao polo norte. Perguntam-lhe o que você pensa a esse respeito...

— Ah! Deve ser uma bela satisfação poder dizer: "Aqui estou: cheguei ao polo! Ninguém sabe, mas eu me governo sozinho agora, com a ponta de um só pé, nada menos do que em cima da extremidade do imaginário eixo terrestre. Não há nada escrito; mas estar aqui não é exatamente como um passinho mais além. Aqui é o verdadeiro ponto. Gelo, sim, aqui e acolá; e um frio dos diabos; e não se vê aqui viva alma; mas eu estou aqui no alto, neste momento, mais do que qualquer rei no seu trono!" Talvez o Duquezinho de Orléans, tendo chegado ao polo, ter-se-ia contentado em estar um pouquinho mais abaixo, no trono da França, estavelmente. Mas não dizem os jornais que, ao invés do polo, ele descobriu uma ilha e que a batizou *Terra de França*? Eu não entendo! Terra de França, e recuou...Podia, no entanto — para começar — proclamar-se rei daquela França...

— Talvez fizesse frio demais.

— Há um outro imperador que não fica no seu império, porque lá faz calor demais. Lá o gelo dos polos; aqui, a areia do deserto.

— Mas Lebaudy, pelo menos, proclamou-se imperador...

— Bravo! Está vendo? Você fez aquelas belas senhoras rirem... Se você quisesse... Devagar! O que está acontecendo? Levantam-se...

— Vão dançar? Se vão dançar, vamos embora logo! Preste atenção: não ouvirei argumento... Vamos embora!

— Seu urso, ninguém vai dançar! Não está ouvindo? A senhorita B. tocará: agora se faz de rogada. Está com as mãos geladas, coitadinha, não consegue! Olhe, olhe: um jovem se oferece para aquecê-las, batendo-as com força... Oh Deus, e ela acredita nisso: esconde as mãos, mostra os bonitos dentinhos, torce-se toda... Ah, veja: as amigas a puxam para o piano...

— Música moderna?

— Nada de música! Volteio das mãos sobre o teclado. Fique ouvindo. Em seguida aplaudiremos.

— Você se torna bobo a olhos vistos, meu caro: você me assombra!

— Ânimo, vamos! Há pior do que eu... Olhe como estão todos atentos, agora, e absortos... Que silêncio! Mas olhe ali, que testas franzidas, aquele deputado de face vermelha como uma bola mediatubunda de queijo holandês... A pátria está em perigo? Não: contempla os ombros, a nuca da Marquesa, que está verdadeiramente esplêndida esta noite, como uma deusa de Rubens... Mas diga-me seriamente, você não se diverte com este espetáculo?

— Muito! Ouça: ponha uma mão diante da boca.

— Por que? O que você está fazendo?

— Ponha logo uma mão diante da boca...

— Você vai bocejar?

— Vou.